



Ane  
ku  
mene

# Ensinar a pensar: uma possibilidade de ensino e aprendizagem para alunos de geografia na educação básica

Teaching to Think: A Teaching and Learning Option for Geography Students in Basic Education

Ensinar a pensar: una posibilidad de enseñanza y aprendizaje para alumnos de geografía en educación básica

Waldiney Gomes Aguiar\*   
Najla da Silva Mehanna\*\* 

Cómo citar este artículo: \_\_\_\_\_

Gomes Aguiar, W. y da Silva Mehanna, N. (2025). Ensinar a pensar: uma possibilidade de ensino e aprendizagem para alunos de geografia na educação básica. *Anekumene*, (30), 9-14.

## Resumo

Este trabalho tem como finalidade discutir como os pilares da aprendizagem defendidos na obra *Ensinar a Pensar: Teoria e Prática* (Raths et al., 1977) procuram proporcionar uma aprendizagem geográfica pautada no desenvolvimento do pensamento sistematizado. Conquanto, a proposta trata-se de um estudo bibliográfico com possibilidade de desdobramentos no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos curriculares do sexto ao nono ano da educação básica de Francisco Beltrão. Espera-se que, a partir dos indicadores: *comparação, resumo, observação,*

*classificação, interpretação e crítica*, organizados pelos autores da obra supracitada, possam ser adaptados para o ensino de geografia a partir do entrelaçamento dos conteúdos curriculares e alguns princípios e conceitos da ciência geográfica.

## Palavras-chave

pensamento; ensino; geografia

\* Professor de la Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste/EB

\*\* Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste/EB

## Abstract

The purpose of this work is to discuss how the pillars of learning advocated in the work *Teaching to Think: Theory and Practice* (Raths et al., 1977) aim to provide geographic learning based on the development of systematized thinking. However, the proposal is a bibliographical study with the possibility of unfolding in the teaching and learning process of the curricular contents of the sixth to ninth grades of basic education in Francisco Beltrão. It is hoped that, based on the indicators: *comparison*,

*summary, observation, classification, interpretation and criticism*, organized by the authors of the work, they can be adapted for the teaching of geography based on the interweaving of curricular content and some principles and concepts of geographical science.

## Keywords

thinking; teaching; geography

## Resumen

Este trabajo tiene como finalidad discutir cómo los pilares del aprendizaje defendidos en la obra *Enseñar a Pensar: Teoría y Práctica* (Raths et al., 1977), buscan proporcionar un aprendizaje geográfico basado en el desarrollo del pensamiento sistematizado. Sin embargo, la propuesta se trata de un estudio bibliográfico con posibilidad de ramificaciones en el proceso de enseñanza y aprendizaje de los contenidos curriculares del sexto al noveno año de la educación básica de Francisco Beltrão. Se espera que, a partir de los indicadores: *comparación, resumen, observa-*

*ción, clasificación, interpretación y crítica*, organizados por los autores de la obra mencionada, estos puedan ser adaptados para la enseñanza de la geografía a partir del entrelazamiento de los contenidos curriculares y algunos principios y conceptos de la ciencia geográfica.

## Palabras clave

pensamiento; enseñanza; geografía

## Introdução

A obra *Ensinar a Pensar: Teoria e Prática* de Rath et al. (1977) chamou atenção em função de que o pensamento de maneira geral pode ser aleatório, em que o aluno precisa ser incitado a pensar sobre a atividade desenvolvida em sala de aula pelo professor, porém, se não tiver uma orientação para a organização desse pensamento em sala de aula, a aprendizagem pode não ocorrer. É destacado que o pensamento abrange a imaginação e o pensamento com certa organização e objetivos, exige a expressão de valores, atitudes, sentimentos, crenças e aspirações. Neste sentido, a obra traz o pensamento a partir a ligação ao homem global. Não limita apenas ao domínio cognitivo. Abrange a imaginação, o pensamento com objetivo certo, exige a expressão de valores, atitudes, sentimentos, crenças e aspirações.

O objetivo principal foi verificar se há possibilidade de aproveitamento dos indicadores: *comparação, resumo, observação, classificação, interpretação e crítica*, no ensino e aprendizagem dos conteúdos curriculares geográficos voltados aos alunos da educação básica. Almeja-se compreender se tais indicadores podem contribuir no desenvolvimento do raciocínio geográfico, ou seja, ultrapassando a barreira do pensamento simples e entendendo os conteúdos curriculares da geografia de forma crítica para que esses possam construir autonomia argumentativa, seja na sala de aula ou fora dela. Portanto, que os alunos sejam capazes de olhar para um fenômeno geográfico e analisá-lo, interpretá-lo de forma coerente. É nesse contexto, que pretendemos contribuir com o ensino da geografia na atualidade.

## Metodologia

A proposta metodológica da pesquisa aponta para a necessidade de aprofundamento nos estudos da obra de Rath et al. (1977) a partir das operações de pensamento: 1) *Comparação*: é o ato de colocar os alunos numa situação em que pode ocorrer o pensamento. 2) *Resumo*: é a forma de apresentar condensado um determinado conteúdo e o resumo exige pensamento. 3) *Observação*: através da observação, existe ideais de procurar, notar, perceber, que também pode levar ao pensamento. 4) *Classificação*: quando nos colocamos a classificar de acordo com alguns princípios que temos na mente. 5) *Interpretação*: quando se interpreta uma experiência, explica-se o sentido das coisas. 6) *Crítica*: quando se critica, faz-se julgamento, análise e avalia – crítica não apontar defeito ou censurar. É a partir destes indicadores buscar-se organizar um plano de trabalho que poderá ser desenvolvido nas aulas de geografia da educação básica.

## Ensinar a pensar teoria e prática – a obra como ponto de partida da investigação

O autor da obra *Ensinar e Pensar: Teoria e Prática*, Louis E. Rath (2007), propõe uma forma de contribuição científica abrangente que possibilita,

fundamentar atividades escolares com alunos da educação básica, “[...] por centenas de milhares de anos, o objetivo fundamental do homem foi sobreviver, a maior parte dos primeiros pensamentos humanos provavelmente servia a esse fim” (Rath, 2007, p. 13). Parte-se do princípio, que a humanidade, a cada momento procura se adequar em espaços e lugares em que possa suprir suas necessidades. Esse movimento, diz muito a respeito do objeto de estudo da geografia que é o espaço geográfico.

Depois de um certo tempo, o homem chegou num momento que não precisava pensar apenas em viver – mas viver melhor. Isso exigiu novas alternativas para que ele tivesse sonhos e desta forma alterasse o ambiente com o um único objetivo – melhorar suas vidas – e foi desta forma que aos poucos foi se tornando social – e essa transformação trouxe no seu bojo social problemas (Rath, 2007). A busca por respostas e possíveis soluções levou o pensamento humano a ser desafiado. E neste sentido, nunca foi tão urgente acentuar o pensamento nas crianças quanto hoje. Pensar é uma forma de perguntar pelos fatos, e se o pensamento tem objetivos, os fatos assim encontrados serão significativos para esse objetivo. O que podemos fazer para acentuar o pensamento? Que tipos de tarefas podemos dar que exijam pensamento, ou que provavelmente provocarão pensamento? Quais os tipos de perguntas que podemos fazer para acentuar o pensamento? A partir destes questionamentos o autor propõe as que ele chamou de operações do pensamento que serão detalhadas a partir de agora.

## Operações do pensamento – indicadores de ensino e aprendizagem

O que pode ser instrutivo é o foco organizado para o desenvolvimento do pensamento. Os indicadores abaixo podem ser usados pelos professores para verificações de seu ensino (Rath, 2007):

1. *Comparação*: quando pedimos que as crianças comparem as coisas, estamos colocando-as numa situação em que pode ocorrer pensamento. As crianças têm oportunidade para observar, diretamente por fatos ou pela imaginação, diferentes e semelhantes.
2. *Resumo*: se uma pessoa fosse solicitada a resumir o que foi apresentado tal qual um livro, é muito provável que admitisse que o resumo exige pensamento. O objetivo do resumo é apresentar de forma condensada, a livro aqui mencionado. É uma forma de apresentar o núcleo do assunto, da grande ou das grandes ideias. Exige-se, concisão, sem perda de aspectos importantes.
3. *Observação*: atrás da tarefa de observar, existe a ideia de procurar, notar, perceber. As observações podem focalizar um acontecimento. Podemos observar um experimento, alguém fazendo uma escultura, podemos ir até a janela, olhar para fora e dizer o que vemos. Observar é uma forma de descobrir informações, uma parte significativa do mundo.

4. **Classificação:** quando classificamos ou separamos coisas, nós as colocamos em grupos, de acordo com algum princípio que temos em mente. Se devemos classificar uma coleção de objetos, começamos por examiná-los, e quando vemos alguma coisa comum, começamos por reunir tais objetos ou ideias. Continuamos a fazer isso até chegar a certos números de grupos. Classificar é dar ordem à existência; é contribuir para o sentido da experiência. Exige análise e síntese.
5. **Interpretação:** quando interpretamos uma experiência, explicamos o sentido que tem para nós; interpretar é um processo de atribuir e negar sentidos as nossas experiências. Quando pedimos as crianças que interpretem aspectos pouco importantes, elas fazem isso mais como um exercício do que como oportunidade para organizar seus pensamentos, deixamos de lado o alcance dessa operação de pensamento.
6. **Crítica:** quando criticamos, fazemos julgamentos, analisamos e fazemos avaliações. Criticar não é encontrar defeitos ou censurar. Exige o exame crítico das qualidades do que está sendo estudado; no momento de qualquer crítica, é bom solicitar as provas que confirmam os comentários feitos. Neste sentido, para que o ensino possa provocar pensamento é necessário que esse (ensino) seja planejado, pois ensinar é um ato intencional, logo, professores precisam saber o que e como fazer para que a aprendizagem tenha sucesso.

## Aproximação de conceitos geográficos com o ato de ensinar a pensar a partir da ideia de Raths (1977)

O pensamento no ensino da geografia pode levar a aprendizagem haja vista que a os próprios conceitos geográficos proporciona esse ato, porém, sem um método de ensino definido, criterioso, organizado e com objetivos talvez não ocorreria a aprendizagem. É neste cenário que se tentou-se aproximar a geografia da obra de Raths (1977), porém essa aproximação se deu de forma fundamentada, ou seja, selecionamos obras da ciência geográfica na busca de aproximar o ato de pensar dos alunos com os conteúdos curriculares da geografia escolar. A primeira, é a obra de Ruy Moreira (2022), denominada *Pensar e ser em Geografia*; a segunda, de Milton Santos (2004), chamada de *Pensando o espaço do homem*; a terceira, Paulo Cesar Gomes da Costa (2017) *Quadros Geográficos: uma Forma de ver, uma Forma de Pensar*, quarta, de Yves Lacoste (1988), intitulada *A Geografia – isso serve em primeiro Lugar para Fazer a Guerra*; a quinta, de Milton Santos (2008), chamada *O Espaço do Cidadão*; a sexta, também de Milton Santos (2021), denominada *Metamorfoses do Espaço Habitado*.

Moreira (2022) mostra a geografia como forma de leitura do mundo que a educação escolar é um processo no qual o professor e seu aluno se relacionam com o mundo através das relações que travam entre si na escola

e das ideias. A geografia e a educação formal concorrem para o mesmo fim de compreender e construir o mundo a partir das ideias que formam dele. Ambas trabalham com ideias. O que são ideias para a geografia e a escola? O que é o mundo para ambas? Em que medida a geografia e a escola unem e se juntam na tarefa de compreender o mundo como nosso mundo? O que uma oferece à outra?

Segundo Santos (2004), o espaço não pode ser resultado como se os objetos materiais que formam a paisagem trouxessem neles mesmos sua própria explicação – é preciso pensar sobre o espaço. Para interpretar corretamente o espaço é preciso descobrir à nossa capacidade de apreensão da realidade.

Santos (2008) afirma que a dimensão da paisagem é a percepção, o que chega aos sentidos. Por isso o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva – pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato –. Isso, também propõe um processo do pensamento.

De acordo com Lacoste (1988), um saber pensar o espaço, isto é, o instrumental conceitual que permite apreender mais racionalmente e mais eficazmente, senão a totalidade do real, ao menos uma ampla margem da realidade. Com isso, observa-se a importância da geografia para a sociedade e a necessidade de que esse bom solicitar conhecimento possa ser de domínio da maioria das pessoas e não da minoria.

Para Gomes (2017), o que é a geografia? É uma forma de pensar para além daquelas acepções que costumeiramente temos da geografia, ela é também uma maneira original e potente, de organizar o pensamento. A linguagem visual, gráfica, tem seu próprio universo de significações, e suas potencialidades são diferentes, neste sentido, a necessidade do pensar organizadamente e sistemático. Diz que explicar por que as coisas estão ali onde estão, por que são diferentes quando aparecem em outras localizações, explicar graus de proximidades e de distância, a posição, a forma e o tamanho envolvem um raciocínio bem sofisticado. Afirma, também, que a localização, são usadas como instrumentos do raciocínio, há nisso uma forma geográfica de pensar. A geografia é também uma forma de pensar.

Neste sentido, após essa inicial revisão bibliográfica acerca da possibilidade de aproximação entre a geografia e as ideias de Raths (2007) percebeu-se que há possibilidade de aplicar esta proposta a partir dos indicadores estudado pelo autor já mencionado que são: *comparação, resumo, observação, classificação, interpretação e crítica*.

## Resultados alcançados

Desta forma a relação entre ensino e aprendizagem a partir dos indicadores testados pelos autores possibilita a aprendizagem dos alunos): 1) *Comparação*: é o ato de colocar os alunos numa situação em que pode

ocorrer o pensamento. 2) *Resumo*: é a forma de apresentar condensada um determinado e muito provável que o resumo exige pensamento. 3) *Observação*: Através da observação, existe ideais de procurar, notar, perceber, que também pode levar ao pensamento. 4) *Classificação*: Quando nos colocamos a classificar de acordo com alguns princípios que temos na mente. 5) *Interpretação*: Quando se interpreta uma experiência, explica-se o sentido das coisas. 6) *Crítica*: Quando se critica, faz-se julgamento, análise e avalia – crítica não é apontar defeito ou censurar. Neste sentido, ao buscar na ciência geográfica, princípios e conceitos que pudesse aproximar destes indicadores acima mencionados, verificou-se que havia possibilidade ensinar os alunos a pensar em sala de aula ou fora dela conteúdos curriculares da geografia escolar num contexto do desenvolvimento do pensamento conforme propõe este autor.

Desse modo, tornou-se fundamental aproximar os conceitos geográficos das metodologias do ensinar a pensar. Como aponta Gomes (2017), a própria Geografia constitui uma forma de pensamento. Trata-se, conforme os termos de Lacoste (1988, p. 256), de “[...] um saber pensar o espaço, isto é, o instrumental conceitual que permite apreender mais racionalmente e mais eficazmente” o território. Essa reflexão teórica afasta-se de visões puramente descritivas, pois, como adverte Santos (2004, p. 58), “[...] o espaço não pode ser [compreendido] como se os objetos materiais que formam a paisagem trouxessem neles mesmos sua própria explicação – é preciso pensar sobre o espaço”. Nesse cenário, Moreira (2022, p. 104) afirma que:

A geografia e a educação formal concorrem para o mesmo fim de compreender e construir o mundo a partir das ideias que formam dele. A geografia e a educação formal concorrem para o mesmo fim de compreender e construir o mundo a partir das ideias que formam dele.

[...]

O que são ideias para a geografia e a escola? O que é o mundo para ambas? Em que medida a geografia e a escola unem e se juntam na tarefa de compreender o mundo como nosso mundo? O que uma oferece à outra? (p. 104).

Neste sentido, destacamos que a aplicação dos indicadores aos princípios e conceitos da geografia pode possibilitar aulas que visem a apropriação de conteúdos escolares de geografia, por parte dos alunos.

## Discussão

Acredita-se que esse primeiro passo da investigação que é a busca da aproximação do ato de ensinar o aluno a pensar mostrou-se interessante acerca de que os indicadores para construção de aulas que visem aprender e não apenas decorar passa pelo crivo da compreensão prin-

cipalmente o que é e para que serve a geografia – termo explorado anteriormente a partir de alguns autores selecionados para fundamentar essa questão tão importante. Desta forma criou-se um quadro com os indicadores propostos por Rath (2007) que são: comparação, resumo, observação, interpretação e crítica. A partir daí, será comentado a possibilidades de aproximação da geografia com os indicadores mencionados. A título de melhor explicação, utiliza-se a categoria geográfica *paisagem*.

**Tabela 1**

*Indicadores del conocimiento de escalas geográficas*

| Indicadores   | Comentários                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|---------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Comparação    | Comparar por exemplo, duas paisagens uma com cobertura vegetal – em um determinado relevo de inclinação íngreme e a outra sem cobertura vegetal.                                                                                                                                        |
| Resumo        | Resumir o que foi observado para posteriormente ser analisado.                                                                                                                                                                                                                          |
| Observação    | Observar detalhes da paisagem e anotar a partir da perspectiva dos alunos para depois aprofundar os estudos dos conteúdos em sala de aula – para verificar por exemplo algumas delas pode proporcionar riscos a sociedade.                                                              |
| Interpretação | A partir das informações analisar as diferentes paisagens e buscar a partir do que foi observado, comparado, fazer a interpretação com ajuda do professor.                                                                                                                              |
| Crítica       | A crítica aqui deve ser entendida como contributiva e não apenas anunciar problemas. É nesse momento em que o aluno começa a perceber que construiu um conhecimento baseado em dados observados, resumido, interpretado. É uma forma de criar nos alunos o espírito científico inicial. |

Fonte. Tabela elaborada pelos autores (2024).

É necessário pontuar que o esquema anterior representa uma aproximação conceitual preliminar entre as proposições de Rath (2007) e o campo da Geografia. Esse diálogo científico é respaldado pelas obras de Moreira (2022), Costa (2017), Lacoste (1988) e, notadamente, pela produção de Milton Santos (2004, 2008, 2021). Esse arranjo teórico é relevante para pesquisadores e docentes interessados em um ensino de Geografia voltado a estimular o ato de pensar dos estudantes. Assim, fomenta-se não apenas a estruturação cognitiva dos conteúdos curriculares na educação básica, mas também o desenvolvimento do pensamento crítico em sala de aula.

Neste sentido, esses alinhamentos teóricos mostraram-se pertinente, pois pode contribuir para aqueles que se interessam por um ensino de geografia a partir do ensino do pensar dos alunos como forma de desenvolvimento do pensamento organizado acerca dos conteúdos curricular da geografia na educação básica – e quiçá pensar criticamente sobre os assuntos geográficos estudados em sala de aula.

## Considerações finais

Ensinar a pensar é uma tarefa que requer muita organização na preparação das atividades que os alunos desenvolvem em sala de aula. É preciso considerar a geografia como uma disciplina que proporciona um campo vasto de aprendizagem nos espaços geográficos, os estudos realizados nesse trabalho, demonstram que qualquer ação docente precisa ser medida por planejamentos ancorados em saber o que fazer e para quem?

A busca por uma aproximação teórica entre a obra de Raths (1977) e outras obras de autores do campo da geografia, foi o desafio que se mostrou menos árduo que se esperava porque, ao debruçar sobre obras tais como: a obra de Milton Santos (2004), de Paulo Cesar Gomes da Costa (2017), de Yves Lacoste (1988), de Milton Santos (2008, 2021), percebeu, logo nas primeiras leituras que seriam possíveis essas aproximações.

Certos de que essa aproximação teórica se coloca em jogo a segunda parte desse processo investigativo que seria ensinar os alunos a pensarem sobre os estudos na matéria de geografia a desenvolver seus pensamentos a partir dos indicadores propostos por Raths (1977): comparação, resumo, observação, classificação, interpretação, crítica. Neste sentido, vale ressaltar que essa fase da pesquisa demonstrou que o aprofundamento teórico nos reveste de maior segurança, inclusive, metodológica e que esse é um passo importantíssimo tanto para a formação de professores quanto para o trabalho docente o que constata que não podemos mitigar a teórica em face da prática, como se uma se sobrepusesse a outra, ao contrário elas se complementam.

## Referências

- Gomes, P. C. C. (2017). *Quadros geográficos: Uma forma de ver, uma forma de pensar*. Bertrand Brasil.
- Lacoste, Y. (1988). *A geografia: Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Papirus.
- Moreira, R. (2020). *Pensar e ser em geografia: Ensaio de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. Contexto.
- Raths, E. L., Jonas, A., Rothstein, M. A., & Wassermann, S. (1977). *Ensinar a pensar: Teoria e prática* (D. Moreira, Trad.; 2. ed.). EUP.
- Santos, M. (2004). *Pensando o espaço do homem*. Universidade de São Paulo.
- Santos, M. (2008). *O espaço do cidadão* (7.ª ed.). Edusp. (Obra original publicada em 1987).
- Santos, M. (2021). *Metamorfose do espaço habitado*. Universidade de São Paulo.